

A Formação Ética do Psicólogo na Visão dos Docentes

Fátima Simone Silva Pereira Consoni
Rita Melissa Lepre

Como citar: CONSONI, Fátima Simone Silva Pereira; LEPRE, Rita Melissa. A Formação Ética do Psicólogo na Visão dos Docentes. *In:* BERETA, Thaísa Angélica Déo da Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael (org.). **Estudos sobre a formação ética na educação básica e no ensino superior**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 105-126.
DOI:<https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-397-7.p105-126>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

5.

A Formação Ética do Psicólogo na Visão dos Docentes

Fátima Simone Silva Pereira Consoni

Rita Melissa Lepre

Este capítulo busca refletir sobre a ética na formação em psicologia, compreendendo que a formação do psicólogo está implicada com as relações humanas nos variados contextos da sociedade. Concordamos com Bereta (2020), que uma formação que não contemple a dimensão moral, afetiva e cognitiva, dificilmente, “terá bases sólidas para contribuir com a formação de profissionais comprometidos com o social e prontos a desempenharem um trabalho reflexivo e ético frente às inúmeras demandas profissionais.” (p.19)

O presente estudo buscou ampliar a compreensão a respeito da ética na formação do psicólogo em uma Faculdade privada do interior de São Paulo, a partir da visão de quatro docentes. Discutir sobre a ética e a moral no curso de psicologia se faz necessário uma vez que engloba questões relacionadas aos sujeitos, ao respeito como base das relações humanas, à dignidade humana e à relação com o outro. Ao nosso ver, o tema em questão é de relevância para a formação em psicologia uma vez que visa auxiliar e repensar, se

necessário, o processo de formação acadêmica colaborando com os profissionais envolvidos na estruturação do curso e na formação dos acadêmicos, habilitando-os para atuação nas mais variadas esferas da psicologia, tendo a ética como processo e produto de suas ações.

A ética e a moral

Ética, de acordo com o Dicionário de Filosofia, diz respeito, a ciência da conduta. Ramo da filosofia que tem por objetivo refletir sobre a essência dos princípios, valores e problemas fundamentais da moral, tais como a finalidade e o sentido da vida humana, a natureza do bem e do mal, os fundamentos da obrigação e do dever, tendo como base as normas consideradas universalmente válidas e que norteiam o comportamento humano. A palavra ética vem do grego “ethos” que significa modo de ser. A moral, por sua vez, tem sua origem no latim, que vem de “mores”, significando costumes. A moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem em sociedade, compreendendo que estas são construídas a partir da educação, do dia-a-dia e dos costumes, ou seja, na interação com o meio.

Na filosofia, Aristóteles (384-322 a.C.) sugere a ética como uma disciplina ligada à ação humana, prática, propondo que o homem não nasce bom ou justo, contudo, desde o momento que pratica tais atos, torna-se bom ou justo. A filosofia de Kant sobre a moral se respalda na razão pura, desprovida de influência sensível, e caminha no sentido oposto a qualquer ideal empírico. A ética kantiana é a ética do dever, auto coerção da razão, que concilia dever e liberdade. Segundo o autor, a capacidade do homem de agir

racionalmente dá embasamento para a prática moral, fundamentada em uma lei que a priori é inerente à racionalidade universal humana (KANT, 2007).

A palavra Ética, de acordo com Motta (1984 apud Luiz, 2018, p. 241), é definida como: “um conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”, sugerindo que a ética é a forma como o homem deve se comportar no seu meio social.

Segundo Cremonese (2019), a ética na contemporaneidade, seriam os princípios universais, que são aplicados a todos, baseando-se no entendimento de que os indivíduos ou os seus interesses devem receber igual respeito. Cremonese (2019), cita que para Outhwaite e Botomore (1996, p. 278), “a ética refere-se à avaliação normativa das ações e do caráter de indivíduos e grupos sociais”. A ética é a reflexão sobre a melhor forma de viver e conviver, ou seja, são princípios universais que regem a vida em sociedade.

A ética também é sempre relativa, porquanto muda com o tempo (época), muda de acordo com a cultura e com crenças de diferentes grupos sociais ou civilizações. O certo e o errado diferem de cultura para cultura (CREMONESE, 2019, p. 04).

A ética é, pois, o conjunto de princípios construídos baseados em reflexões a respeito dos valores morais que permeiam nossas ações e comportamentos com objetivo de melhorar nossa vivência e convivência em sociedade e a relação com o meio-ambiente. Assim, a

ética é o conjunto de valores e princípios que nós usamos em nossas condutas (CORTELA, 2013). Para La Taille e Tognetta (2008), a palavra “ética” traduz as reflexões a respeito de situações, da ação e de fatos.

De acordo com Luiz (2018), os princípios éticos fundamentais para a vida em sociedade são os valores da justiça, tolerância, solidariedade, responsabilidade, democracia, liberdade, compaixão, respeito, dignidade, igualdade e prudência. Tais princípios devem existir tanto num plano individual quanto coletivo e, dessa forma, presentes no conjunto das instituições que fazem parte da sociedade, como colocou Hegel (1770/1830), ao ressaltar que procura pensar a ética, de maneira não somente na esfera individual das ações – proposta já apresentada pelo filósofo Kant, e sim considerando o contexto social.

Neste sentido, a partir de Hegel, tem-se início grandes modificações a respeito das reflexões com relação à ética, já que começam a analisar a ética a partir dos aspectos sociológicos e não somente com destaque na esfera filosófica uma vez que Hegel propõe que o ponto de vista moral do sujeito, com sua ação e seu julgamento, precisa ser considerado dentro do âmbito social para fazer sentido. Já para Chauí “A vida ética é o acordo e a harmonia entre a vontade individual subjetiva e a vontade objetiva cultural” (2003, p. 318).

Para Luiz (2018), a ética refere-se à investigação baseada na reflexão acerca da moral, buscando pensar os fundamentos, debatendo, questionando, observando as suas implicações e consequências socioculturais e ambientais e contextualizando. Trata-se de um assunto complexo e bem plural. Diz respeito a um assunto que é fundamental a abordagem multidisciplinar, uma vez que inclui

fenômenos sócio-históricos, culturais, ambientais e subjetivos. Segundo o mesmo autor, os princípios éticos só fazem sentido se não existirem apenas nas práticas individuais, eles permeiam o conjunto da sociedade, como nas famílias; nos meios de comunicação; nas escolas; nas entidades de classes; nas instituições jurídicas; nas empresas, entre outras. Ao definir ética como sendo “princípios que orientam nossas ações” considera relevante o agente ético, este termo tem um significado importante, porque implica na existência de um agente consciente, com posturas dialógicas e responsáveis por suas ações e comportamentos.

Buxarrais (1997) e Martín (1998), que fazem parte do Grupo de Investigação em Educação Moral (GREM), da Universidade de Barcelona (Espanha) são nomes que se aprofundaram na questão social (interação), fator importante para a construção da moralidade. Segundo Buxarrais (1997), um projeto de educação em valores, tendo a ética como base, deve levar em conta a realidade do país, as questões políticas relacionadas à concepção de escola e a formação do corpo docente, para que seja possível construir um currículo que contemplem presentes: o conceito de educação, as características socioculturais do grupo, as dimensões da personalidade moral, as estratégias de trabalho e os âmbitos temáticos a serem trabalhados. Nesse sentido, a formação na educação superior deveria considerar e participar deste projeto. A formação em psicologia, de certo, não deveria se furtar a isso.

A formação em Psicologia

De acordo como Jacó-Vilela (2010), a preocupação com a formação em Psicologia tem sido marcada de forma constante ao longo de sua história. Partindo da ênfase da ciência positivista que direcionou seu início, ela tem passado por movimentos amplos e vem disputando embates atuais bastante firmes em busca de uma posição de luta por direitos sociais e políticos, especialmente, de saúde, de educação, de viver as diferenças, entre outros. Não podemos correr o risco de desvincular a formação das dimensões políticas, éticas e sociais, pois estaríamos naturalizando-a e colocando-a a serviço de práticas utilitaristas. Assim, os processos de formação, estão sempre envolvidos com singularidades e experiências que vêm acompanhadas da intensidade de forças que apresentam os diferentes contextos.

Segundo Rivero (2011), a prática crítica tem que estar sempre presente seja nos objetivos dos cursos de Psicologia ou nas práticas dos egressos, pois a competência profissional está em mantermos sempre uma suspeita sobre aquilo que nos governa.

Além disso, questões éticas, políticas e epistemológicas, tais como aquelas representadas pelos dilemas formação técnica versus crítico-reflexiva, científica versus profissional, generalista versus especialista, predominantemente clínica versus pluralista, unidisciplinar versus multi/interdisciplinar, histórica versus contemporânea, elitista versus socialmente comprometida e voltada para indivíduos versus voltada para a coletividade, têm sido debatidas (Achcar, 1994; Bastos & Bock, 1997; Duran, 1994; Ferreira Neto, 2004; Francisco & Bastos, 2005; Gomide,

1988; Gonçalves & Bock, 1996; Martinez, 2003; Patto, 2005; Pereira, 1996; Pfromm Netto, 2007; Witter & Ferreira, 2005; Yukimitsu, 1999). Mais recentemente, o impacto da avaliação nacional dos cursos de graduação (Landeira-Fernandez & Primi, 2002; Primi, Landeira-Fernandez & Ziviani, 2003) e da implementação das chamadas novas diretrizes curriculares (Marinho-Araújo, 2007; Moura, 1999; Rocha Jr., 1999; Yamamoto, 2000) tem sido enfatizado (LISBOA; BARBOSA, 2009, p. 724).

Após os anos 70, o Brasil inicia discussões sobre a grade curricular e a formação em psicologia, no que diz respeito às questões éticas, políticas e epistemológicas. A década de 80 trouxe novos desafios aos psicólogos. A pequena, mas significativa, abertura do mercado de trabalho no serviço público de saúde colocou aos psicólogos e às suas entidades desafios muito grandes. Era preciso “reinventar” uma Psicologia que permitisse contribuir e responder às necessidades daquela população, com a qual não estávamos habituados a trabalhar. Esse fato contribuiu para fortalecer nossas entidades. A década de 80 foi, assim, fervilhante para os psicólogos. Os Sindicatos se uniram e criaram a Federação Nacional dos Psicólogos; os Conselhos também se fortaleceram, produzindo material escrito sobre a profissão e organizando Congressos (BOCK, 1999).

Considerando as pesquisas realizadas sobre a formação em Psicologia, a grade curricular deve proporcionar uma formação abrangente com relação ao sujeito e aos fenômenos psíquicos que o compreende, segundo as Diretrizes Curriculares (Parecer CNE/CES 0062/2004).

Cury e Neto (2014), destacam que os debates e documentos referentes à formação em psicologia apresentam uma inquietação com relação ao papel social do psicólogo na prática profissional, enfatizando a importância dos estágios supervisionados nas diversas áreas em sintonia com as demandas sociais. Defende uma formação voltada para o compromisso com a realidade social e com a qualidade de vida, com consciência política e crítica, caminhando na construção de conhecimentos num contexto de ação-reflexão-ação.

Portanto, refletir e discutir sobre o currículo do curso de Psicologia se faz necessário visando uma formação orientada para o respeito e a promoção da liberdade, da igualdade, da democracia e da integridade e dignidade do ser humano; promoção da saúde, bem-estar e da qualidade de vida; responsabilidade social; desenvolvimento da Psicologia no campo teórico e prático; acesso da população às informações sobre a ciência psicológica; zelo pelo exercício digno da profissão e criticidade quanto às relações de poder (CFP,2005).

Partindo de estudos realizados sobre a formação em Psicologia, Bereta (2018), defende que a formação deve possibilitar o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e críticos que possam contribuir para a transformação social, assim a autora discorre também sobre a importância do professor de graduação colaborar para a formação integral do acadêmico.

Ainda de acordo com Bereta (2018), as reflexões que abarcam a ética e a moral, precisam estar presentes já no planejamento do Projeto Político Pedagógico da escola. Vale apontar que discussões sobre as problemáticas devem fazer parte para que realmente haja uma construção democrática e autônoma, imprescindível para a formação moral.

Para Bock (1999), refletir e debater sobre o compromisso social da Psicologia nos possibilita analisar o seu desenvolvimento, como ciência e profissão, no contexto que vivemos, e indicarmos em qual direção essa ciência tem caminhado: para a transformação das condições de vida ou para sua manutenção? A autora discorre que está se referindo ao compromisso, logo, a partir de uma perspectiva ética. Assim, vale a intenção e a finalidade do trabalho.

Bock (2003), no livro – Psicologia e o compromisso social - já defendia que a psicologia enquanto profissão ainda é frágil, a despeito de mudanças já obtidas. Para a autora, a psicologia se estabeleceu na sociedade moderna como uma profissão tradicionalista a qual está distante de debates com foco na transformação social. Para que a Psicologia se fortaleça enquanto ciência crítica e transformadora julgamos ser importante pensar na formação dos novos psicólogos e psicólogas e entender como os docentes que trabalham nessa formação concebem o tema da dimensão ética.

O que os docentes pensam sobre o tema em pauta?

Para o desenvolvimento deste capítulo aplicamos e analisamos as respostas obtidas em um questionário, respondido por quatro docentes que trabalham em um curso de formação em Psicologia, de uma faculdade do interior paulista. Em decorrência do fato da pesquisa envolver pessoas, bem como instituições, a pesquisa de campo foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme determinam as normas em vigor.

Os docentes responderam questões a respeito da compreensão do estudo sobre a ética e a perspectiva moral trabalhadas no curso de

Psicologia, assim como se eles acreditam que os conteúdos da grade curricular, contribuem para a formação do desenvolvimento moral e ético dos acadêmicos e quais os aspectos e como devem ser trabalhadas as questões que envolvem a ética e moral no curso.

Quadro 1 – Informações sobre os docentes participantes da Pesquisa.

FORMAÇÃO/TITULAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR
Psicóloga/Doutora	14 anos
Psicóloga/Mestre	10 anos
Psicóloga/Especialista (Cursando Mestrado)	3 anos e meio
Psicólogo/Doutor	15 anos

Fonte: As autoras.

Para contribuir com a temática estudada buscamos conhecer a compreensão que os docentes do curso construíram acerca da formação ética em psicologia. As questões abaixo estão contempladas no questionário respondido por parte dos docentes do curso de Psicologia da Instituição.

A partir das respostas dos docentes percebemos que metade dos participantes da pesquisa acredita que muitas disciplinas do curso – como Psicologia do Desenvolvimento, Ética profissional, Psicologia Social e Educacional – abordam questões éticas e morais. No entanto, eles pensam e afirmam que tais questões podem ser trabalhadas mais diretamente na prática cotidiana dos acadêmicos, além das conversas em sala de aula sobre conceitos aprendidos e suas diferenciações. Sugerem que o curso deve promover espaço para debate sobre o desenvolvimento moral e a ética dos próprios acadêmicos, com

discussões de dilemas, assim como debates críticos nas supervisões de estágios.

Uma das professoras entrevistadas coloca que o estudo da moralidade está relacionado, sobretudo, às disciplinas que trabalham com o tema do desenvolvimento humano, como Psicologia do Desenvolvimento I e II, mas também nas disciplinas de Ética, Psicologia Social, Educacional e Clínica. A participante afirma que em toda a formação teórica e prática tais conteúdos acabam sendo abordados, por meio de conflitos que são acolhidos e refletidos durante o processo formativo, possibilitando o desenvolvimento moral, profissional e pessoal dos estudantes. Uma outra entrevistada, por sua vez, afirma que o conteúdo sobre o desenvolvimento moral e ético na formação deveria ser trabalhando para além das disciplinas teóricas, sendo discutido por meio de casos práticos, dilemas morais e temas transversais.

Cabe destacar que dois dos quatro docentes que participaram do questionário disseram que o curso de Psicologia não oferece reflexões de maneira aprofundada sobre o conteúdo abordado nesse estudo e que a grade curricular precisa contemplar de maneira mais efetiva o tema em pauta. “*O desafio ético para uma nação é o de universalizar os direitos reais, permitindo a todos a cidadania plena, cotidiana e ativa, pois sua efetivação proporcionará o desenvolvimento moral e ético da sociedade*” (NERES; LIMA, 2011, p.38).

Segundo Puig (1998), para educar moralmente em uma sociedade diversificada e ampla, o trabalho deve envolver respeito à autonomia de cada pessoa e a razão dialógica com intuito de promover o distanciamento de reflexões e ações individualistas e

autoritárias. Este autor discorre, ainda, dentro das finalidades para um currículo em educação moral, a respeito do sujeito desenvolver o pensamento crítico, com a capacidade de compreensão crítica da realidade social, assim como para perceber suas emoções e reconhecer os valores morais que podem ser universalmente almejados.

A preocupação com a formação ética dos sujeitos aparece, sobretudo, nas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, que compõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, de 2013. Segundo a proposta, a Educação em Direitos Humanos tem a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamentando-se nos seguintes princípios: dignidade humana; igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; laicidade do estado; democracia na educação; transversalidade; vivência e globalidade e sustentabilidade socioambiental (LEPRE, 2019, p. 9).

O espaço acadêmico deve favorecer a formação ética e desenvolver práticas pedagógicas que possibilitem aos discentes perceberem criticamente a realidade sendo ativos no contato com a comunidade. Cabe destacar que para formar cidadãos reflexivos é preciso considerar a cultura, a sociedade e o sujeito como um todo. Portanto, uma educação pautada na perspectiva moral e na ética é um processo complexo que envolve questões culturais, emocionais, sociais e políticas objetivando propiciar pessoas comprometidas com as relações humanas.

Freire (2005), defende que tanto a educação como tudo que a envolve, desde a formação ao currículo estão articulados ao ato político, ou seja, a educação não é neutra. Portanto, a educação deve possibilitar a formação de sujeitos reflexivos, críticos e participativos na sociedade.

Trabalhar com o tema em questão, não significa transmitir conteúdos, oferecer algo pronto e padronizado e sim, disponibilizar espaço de criação, considerando os objetivos, planejamento e atividades pensadas para o desenvolvimento de relações mais justas e democráticas, partindo de interações baseadas no diálogo e no respeito, a partir dos conflitos e situações sociais existentes no cotidiano.

De acordo com Bataglia (2012), entende-se que o ambiente acadêmico carece oferecer ao acadêmico possibilidades para que o mesmo possa perceber que sua atuação profissional envolve estar consciente e refletir sobre seus valores, com o intuito de que tenha o ser humano como um fim em si mesmo.

Refletindo sobre os pontos defendidos pelos docentes participantes, acreditamos que o campo educacional e social da educação deva ser direcionado à construção de relações sociais mais justas, por meio das quais, os sujeitos possam tornar-se cidadãos ativos e participativos de maneira autônoma, assim como crítica. O ambiente educacional, enquanto espaço social pode propiciar ações que levem os sujeitos a refletirem e atuarem criticamente como indivíduos no contexto ao qual estão inseridos.

Nesse contexto, chegar-se a um consenso sobre que psicóloga(o) se quer formar para que atenda às principais

demandas de nossa população – considerando-se a identidade profissional nacional e as inúmeras e diversas regionalidades deste país continente, exige o envolvimento e a participação de todos os agentes envolvidos na formação profissional (OLIVEIRA, et al, 2017, p. 15).

Vale lembrar que dois dos quatro docentes que responderam ao questionário disseram que o curso de Psicologia não oferece reflexões de maneira aprofundada sobre o conteúdo abordado nesse estudo e que a matriz curricular precisa contemplar de maneira mais efetiva o tema em pauta.

O ambiente educacional, enquanto espaço social, deve promover ações que permitam reflexão e atuação crítica por parte dos acadêmicos, no desenvolvimento de relações sociais mais justas, visando a construção de cidadãos ativos e participativos de maneira autônoma. Vinha (2009), aponta que o docente deve trabalhar no sentido de propiciar a participação dos estudantes em sala de aula, oferecendo espaço para o protagonismo dos discentes e estimulando a atuação ativa dos sujeitos envolvidos nos processos de construção de vínculos satisfatórios.

Neste caminho, ainda podemos apontar que, muitas vezes, temas referentes à ética e moral fazem parte, apenas, da disciplina “Ética Profissional”, ficando o conteúdo demandado de maneira generalizada e pouco aprofundada.

Em uma pesquisa realizada com acadêmicos de psicologia, foi observado que:

Parece que os alunos não percebem como a formação universitária pode contribuir para formar um psicólogo

reflexivo e autônomo, porque, em suas experiências na graduação, não viveram situações de autorregulação, de avaliação de processo, mas de regulação externa e de avaliação de resultados. Não há clareza na diferenciação entre moral e ética, e muitos não responderam essa questão, o que pode significar que não tenham tido esse nível de reflexão (BATAGLIA; BORTOLANZA, 2012, p. 12).

Sobre o fomento do desenvolvimento moral dos estudantes pelo curso, um dos docentes aponta que as disciplinas oferecidas favorecem o desenvolvimento moral dos alunos e acredita que os acadêmicos não aprendem apenas os conhecimentos técnicos, mas também consciência a respeito de seus próprios valores no que se refere ao seu exercício profissional.

Com base na investigação realizada, acreditamos ser possível sugerir que o curso de psicologia abordado necessita de alterações em seu currículo e concepção para que, efetivamente, a formação oferecida possibilite ao profissional ampliar seu campo de atuação, estando atento às questões éticas, sociais, culturais e políticas. Entendemos, ainda, que aos poucos as Metodologias Ativas começam a fazer parte, ainda que timidamente, do curso em questão, objetivando possibilitar a qualidade na educação, segundo a concepção dos participantes. O processo de construção da educação foi influenciado por múltiplas tendências e métodos de ensino. Assim, percebemos os desafios encontrados no ensino superior no que se refere às Metodologias Ativas que promovem práticas pedagógicas eficazes, questionando e requalificando metodologias técnicas e tradicionais, para efetivamente alcançar a formação de um sujeito

ativo como um ser ético-moral, histórico, crítico, reflexivo, humanizado e transformador do espaço onde está inserido.

Para Zaluski e Oliveira (2018), a educação contemporânea precisa envolver mudanças nos conteúdos e no modo de avaliar, ao considerar as finalidades do ensino, de acordo com um modelo centrado na formação integral do estudante. Neste sentido, o docente deverá ser o promotor de uma prática educacional viva, agradável, afetuosa, (com precisão científica e conhecimento técnico) e ética, mas sempre voltada à transformação social. Neste sentido, pesquisas que abordem os docentes dos cursos de formação superior e suas concepções se fazem necessárias e se mantêm como cenário próspero para novas investigações.

Considerações Finais

Refletir sobre a formação em psicologia envolve pensar em intervenções e formas de construir conhecimento pautadas no diálogo e relações democráticas para a possibilidade de construção de sujeitos ativos e participativos na sociedade. Assim como Rechtman, Castelar e Castro (2013), acreditamos que “a ética deve ser o eixo norteador da atuação dos profissionais de psicologia (CARNEIRO et al., 2010). Nesse sentido, a graduação em Psicologia é um momento privilegiado de construção de sujeitos éticos.” (p.82)

Para tanto, é necessário que essa preocupação esteja presente desde a concepção inicial do curso, perpassando todo o projeto político pedagógico, e sendo compartilhada com todos os docentes que fazem parte do curso. A formação ética não deve e não pode ficar restrita à uma disciplina, mas precisa estar presente em todas as ações

formativas, teóricas e práticas, lembrando que em uma atuação profissional crítica e transformadora, teoria e prática são indissociáveis.

Assim, conhecer as concepções docentes e suas práticas se faz necessário para o entendimento de como o currículo é posto em ação nos cursos de formação de psicólogos. A formação continuada desses profissionais se coloca como uma questão importante e necessária, uma vez que, para fomentar o desenvolvimento de uma personalidade ética no outro, é necessário que o sujeito tenha construído a sua própria autonomia e compreendido a importância de temas como o respeito mútuo e os direitos humanos que devem ser defendidos, tendo a dignidade humana como mote.

É fato que a formação ética dos sujeitos não se restringe ao ambiente acadêmico e suas possibilidades, mas as interações proporcionadas por e neste lócus se colocam como potencialmente importantes para o desenvolvimento de personalidades éticas, desde que sejam pautadas na cooperação e no respeito mútuo.

Referências

ABBAGNARO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª Ed. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BATAGLIA, P. U. R.; BORTOLANZA, M. R. Formação profissional e conceitos de moral e ética em estudantes de psicologia. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 126-140, ago. 2012.

BERETA, T. A. D. S. **A formação do psicólogo do ponto de vista ético: um estudo a respeito do ambiente acadêmico e das oportunidades de construção da competência moral**. Marília, 2018.

BERETA, T. A. D. S. **A formação ética do psicólogo: ambiente acadêmico e competência moral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

BOCK, A. M. B. **Psicologia e Compromisso Social.** São Paulo: Cortez, 2003.

BOCK, A. M. B. Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 1999, v. 4, n. 2

BUXARRAIS, M. R. **La formación del profesorado en educación en valores. Propuesta y materiales.** Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Brasília, DF, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2003.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS, 2018, São Carlos. **Metodologias Ativas: uma reflexão teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem.** São Carlos.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.

CORTELA, Mario Sérgio. **Não se desespere**. Provocações filosóficas. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CREMONESE, D. Ética e moral na Contemporaneidade. **Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, V. 1, N 1, Jan. Abril, 2019.

CURY, B. de M.; NETO, J. L. F. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 494-512, set. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jul. 2022. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2014V20N3P494>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JACÓ-VILELA, A. M; RODRIGUES, H. B.C; JABUR, F. **CLIO-PSYCHÉ**: Histórias da Psicologia no Brasil. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 1999.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. São Paulo:Edições70,2007.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Moral e ética no mundo contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 29-42, jul./set. 2016.

LEPRE, R. M. A educação moral na escola: revisões e alternativas a partir das contribuições da Psicologia. **Rev. do Centro de Educação. UFSM**, 2019.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.

LUIZ, T. L. A moral e a ética: considerações conceituais e implicações socioculturais. **Revista Humanidades e Inovação**, v.5, n. 11, 2018.

OLIVEIRA, I. T. de et al . Formação em Psicologia no Brasil: Aspectos Históricos e Desafios Contemporâneos. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo , v. 8, n. 1, p. 3-15, jun. 2017 .

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

RECHTMAN, R; CASTELAR, Marilda; CASTRO, R. Ética e Direitos Humanos na formação de profissionais de Psicologia em Salvador - Bahia. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 81-99, 2013.

RIVERO, N. E. E. Formação em psicologia e governamentalidade (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VINHA, T. P; TOGNETTA, L. R. P. Construindo a autonomia moral na escola. Os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

